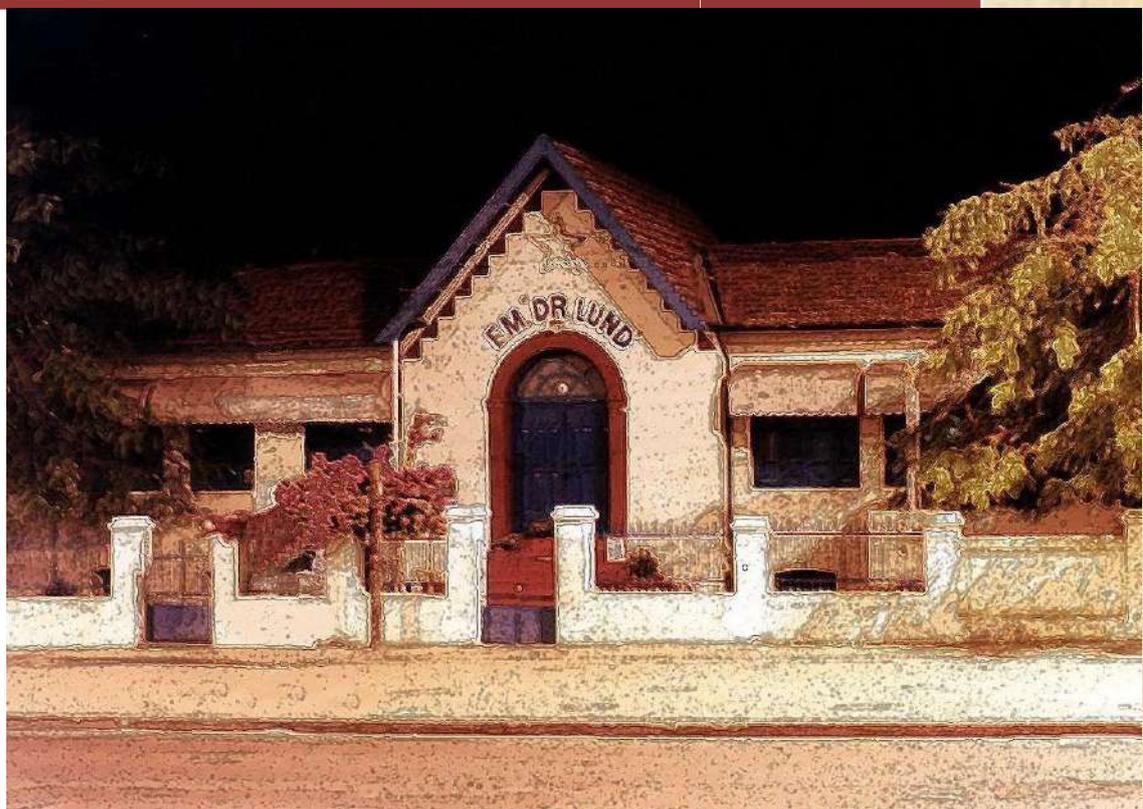


Lugares de Memória do Museu Território Caminhos de Lund



Textos:

Ana Paula Marchesotti

Historiadora

Lugares de memória contemplados pelo Museu Território Caminhos de Lund

Acervo 1



Igreja matriz de Nossa Senhora da Saúde

A igreja matriz de Nossa Senhora da Saúde que vemos hoje é de arquitetura moderna e nos dá a impressão de ter pouca história, mas isso é um engano. A construção dessa igreja está ligada à fundação de Lagoa Santa e à fê popular dedicada a Nossa Senhora da Saúde no século XVIII.

O Padre de Sabará Pedro Antônio de Miranda espalhou a notícia de que as águas da Lagoa Grande realizavam curas milagrosas. Esses relatos foram narrados ao médico italiano Cialli e ao cirurgião português João Cardoso de Miranda que publicaram livros dizendo do poder curativo das águas em 1749. O livro de Miranda - *Prodigiosa lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará, que tem curado a varias pessoas dos achaques, que nesta relação se expõem* - descreveu cento e doze curas, começando pela dele e a de Felipe Rodrigues de Macedo.



Felipe Rodrigues era um baiano que chegou à região de Lagoa Santa em 1733 e criou o primeiro agrupamento, chamado Lagoa Grande, a partir de seu engenho de aguardente. Segundo os relatos publicados, tinha feridas abertas que não se fechavam e foi curado ao se banhar na lagoa.

A notícia dessa e de outras curas surpreendentes atraiu milhares de romeiros para a região. Diante disso, o bispo de Minas Gerais, Dom Manuel da Cruz, veio à Lagoa Grande, preocupado com o fato de não haver nenhuma capela nas proximidades. Trouxe um altar portátil onde celebravam as missas e definiu que seria construída uma capela com as esmolas dos fieis. Atendendo ao pedido expresso de Felipe Rodrigues e Manuel Pereira Berredo, foi concedida a provisão para construção da capela em 2 de maio de 1749.

A primeira capela foi rapidamente erguida e dedicada a Nossa Senhora da Saúde. O terreno foi doado pelo Capitão João Furtado Leite que se mudava para o Rio de Janeiro para ingressar numa ordem religiosa. Em 1765, a população solicitou a construção de um templo maior, pois a antiga capela já não atendia à demanda do vilarejo que crescia. Foi então construída a Igreja Nossa Senhora da Saúde, benta em 1819 e transformada em matriz em 1823. Uma imagem de Nossa Senhora dos Remédios foi trazida de Portugal e aqui recebida como Nossa Senhora da Saúde. Desde então, se celebra em torno da igreja a festa da padroeira, no mês de agosto, com novelas, celebrações e festejos populares.



Quando Peter Lund chegou a Lagoa Santa em 1835 se deparou com a matriz marcando sua poderosa presença no centro do vilarejo. Não era uma igreja imponente e ricamente adornada como as da região do ouro, mas tinha sua originalidade histórica. Ele era protestante e não frequentou a igreja católica, mas vivia nas suas proximidades e respirava a religiosidade que pairava dela.

A igreja passou por outras reformas e ampliações. No final do século XVIII, ganhou uma segunda torre. Mas você deve estar se perguntando onde está essa igreja do século XVIII? Ela estaria na Praça Doutor Lund se não tivesse sido demolida para construção da igreja moderna que se encontra atualmente em seu lugar.

Quando o Parque da Aeronáutica chegou à cidade, em 1935, trouxe consigo uma aura de modernidade. Aliado a esse espírito, a cidade não tinha uma cultura de respeito a sua história. A paisagem urbana de Lagoa Santa modificava-se rapidamente com várias edificações de estilo modernista sendo erguidas sobre construções coloniais que vinham desde o século XVII e XVIII. A centenária Igreja Nossa Senhora da Saúde não resistiu. Na década de 1960, a igreja precisava de reformas, mas preferiram demoli-la para construção de uma nova com ares modernos. E é essa nova igreja que você vê na praça Doutor Lund atualmente.



Lugares de memória contemplados pelo Museu Território Caminhos de Lund

Acervo 2



Praça Doutor Lund

A maioria das cidades latino-americanas se desenvolveu a partir de uma praça de origem religiosa. Lagoa Santa não foi diferente: a cidade foi se expandindo em torno do largo da matriz de Nossa Senhora da Saúde.

Inúmeros comércios e moradias foram construídos ao redor da praça, inclusive a casa de Peter Lund, de onde ele acompanhava toda a movimentação da cidade. Quando a edificação de sua antiga casa foi transformada no grupo escolar Doutor Lund, em 1914, o largo foi transformado em praça e ganhou seu nome, praça Doutor Lund.



As praças de maneira geral são simbolicamente o coração das cidades, desde as ágoras da Grécia Antiga. Não é simplesmente um espaço público aberto e sim um espaço de convívio social, de comercialização de produtos, festividades, manifestações culturais e

políticas. A praça Doutor Lund sempre cumpriu esse papel com as tradicionais festas da padroeira, feiras de artesanato e alimentação, apresentações culturais ou como simples local de parada e para um encontro e uma prosa.

Ela passou por várias transformações urbanas ao longo do tempo, viu construções coloniais sendo demolidas e substituídas por prédios modernos. Novas ruas foram traçadas e pavimentadas, sinais de trânsito e outras intervenções foram instalados.

Nesse ímpeto transformador, até um avião monomotor T-6, que havia se acidentado na lagoa em exibição da festividade de 7 de setembro, foi colocado no centro da praça na década de 1950. Ali ele permaneceu por muitos anos, até ser vendido e virar decoração de uma loja em um Shopping de Belo Horizonte.

O largo da matriz sempre foi cenário de inúmeras histórias e acontecimentos da cidade, os quais Lund assistiu de sua janela. Hoje, a praça que o homenageia segue como um importante lugar de memória de Lagoa Santa.

Lugares de memória contemplados pelo Museu Território Caminhos de Lund

Acervo 3



Sobrado de Mamaca

O Sobrado de Mamaca é este casarão colonial de dois andares com janelas azuis na praça Doutor Lund. Já estava construído quando Peter Lund viveu em Lagoa Santa. Na época, todas as residências tinham esse mesmo estilo, mas lamentavelmente foram demolidas ao longo dos anos.

Em meados do século XIX, Peter Lund escreveu uma carta ao amigo dinamarquês Reinhardt dando notícias dos moradores da cidade, e nela havia uma planta baixa legendada sinalizando todas as construções em torno da praça. Lá estava o imponente Sobrado identificado como sendo de Fonseca, provavelmente quem o construiu.



Posteriormente, ele foi residência dos fazendeiros Joaquim Francisco de Freitas e Merina Diana Vieira de Freitas, mais conhecida como Dona Sinhá. O casal era proprietário das fazendas do Pagão, Varginha e Baú, que iam do Morro do Cruzeiro até o Rio das Velhas. Em 1931,

Joaquim faleceu deixando o sobrado e as fazendas de herança para seu único filho, Geraldo Francisco de Freitas, mais conhecido por Mamaca.

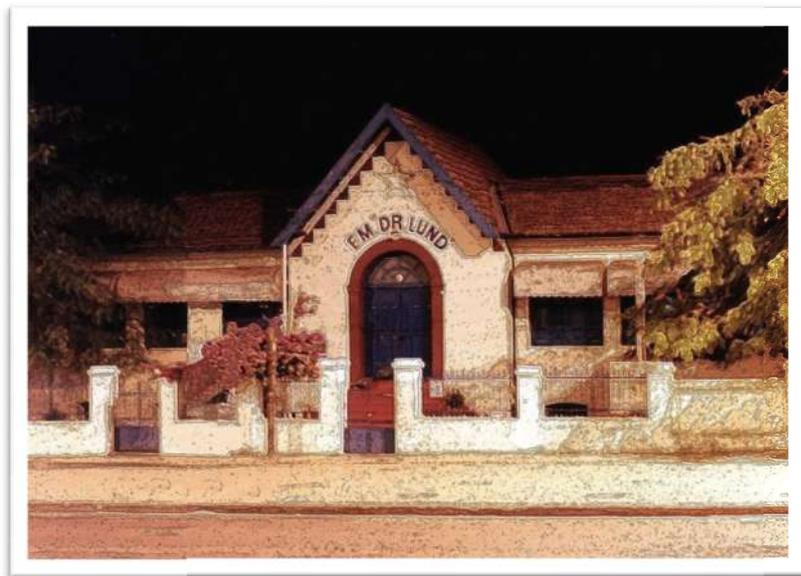
Dona Sinhá foi uma forte protagonista feminina de Lagoa Santa e administrou sozinha as fazendas até seu filho estar em idade de fazê-lo. Mamaca e a mãe viveram por toda a vida no sobrado. Por isso, ele ficou guardado na memória da população de Lagoa Santa como o Sobrado de Mamaca.

Em 1999, Mamaca faleceu, mas sua esposa, Maria de Paula Freitas, permaneceu vivendo no local com seus filhos até recentemente. Atualmente, o sobrado ainda pertence a seus descendentes que o utilizam para fins comerciais.

O sobrado Mamaca é uma das poucas construções remanescentes da época de Lund e tem um grande valor histórico para Lagoa Santa. A partir dele, podemos imaginar o cenário da cidade quando Lund viveu por aqui e nas décadas posteriores. A edificação foi tombada por decreto municipal de outubro de 2005 e permanecerá imponente na praça principal, nos lembrando de nossas origens urbanas.

Lugares de memória contemplados pelo Museu Território Caminhos de Lund

Acervo 4



Escola Municipal Doutor Lund

Esta casa antiga que abriga a Escola Municipal Doutor Lund foi a sua residência por décadas. De lá ele partia diariamente para percorrer seus caminhos por Lagoa Santa e cavernas da região. Quando Lund chegou em Lagoa Santa, em 17 de outubro 1835, não sabia onde e nem por quanto tempo ficaria na cidade. Tampouco imaginava que Lagoa Santa seria sua morada pelo resto da vida.

A ideia quando chegou era ter um ponto de apoio durante suas pesquisas nas cavernas da região. Lund explorou as cavernas calcárias ao redor de Lagoa Santa por dez anos e, quando as encerrou, em 1845, permaneceu vivendo na cidade até sua morte em 1880. E foi nessa

casa, diante da praça e da igreja matriz, que ele viveu durante todos esses anos.

Logo que chegou, o pesquisador alugou uma residência que pertencia a um padre. Mas em 1838 mudou-se para essa casa e a comprou um ano depois por um conto de réis. Com o tempo, foi fazendo as reformas e adaptações necessárias para torná-la, além de residência, também local de trabalho, depósito e estudo.

O terreno era bem maior do que é hoje e se estendia até a orla da lagoa central. Era uma área inclinada que continha outras casas e construções. Lund vivia sozinho na casa principal e alguns funcionários em outras construções da propriedade. Outros espaços foram construídos na medida em que ele realizava suas escavações nas cavernas e precisava abrigar sua coleção de fósseis.

Plantou no terreno diversas árvores frutíferas e nativas do cerrado, além de uma grande variedade de orquídeas. Algumas dessas árvores ainda podem ser vistas hoje, como as araucárias. Havia também diversos animais pelo quintal, pois ele os criava para o estudo de seus comportamentos e comparações com os animais extintos, cujos fósseis ele encontrava nas cavernas.



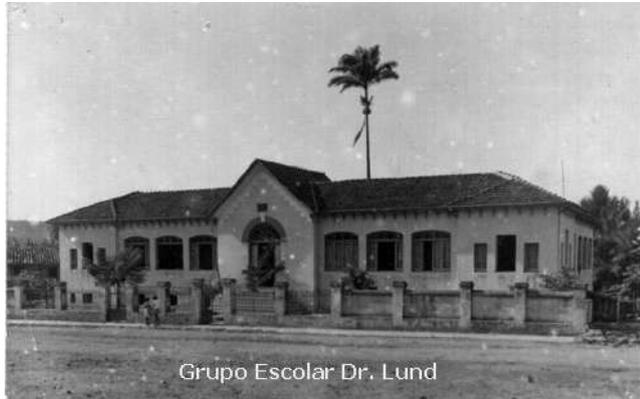
A casa era confortável, mas sem ostentação. O único luxo para a época eram as vidraças introduzidas por Peter Lund, o que era uma novidade na cidade. O cientista tinha grande preocupação com a saúde e hábitos rigorosos. Um deles era abrir as portas e janelas de sua casa vagarosamente para que a temperatura do interior se equilibrasse com a do exterior.

Segundo relatos da época, gastava-se mais de uma hora para abrir completamente uma janela e, nos dias frios e úmidos, elas sequer eram abertas. Portanto, as vidraças eram muito mais uma preocupação de Lund com a saúde e bem estar do que com a estética ou demonstração de prestígio social.

Muitos cientistas importantes frequentaram essa casa em visita a Peter Lund que, até seus últimos dias, atraiu para Minas Gerais diversos estrangeiros que desbravavam o Brasil. Eugene Warming, Reinhardt, Burmeister, Liais, Von Helmreichen, Richard Burton, Marianne North,

para citar apenas alguns. Eles o visitaram nessa casa e tiveram ricos diálogos sobre a ciência, sobre a Europa e sobre as riquezas da região de Lagoa Santa que tanto valorizavam.

Quando o cientista faleceu, deixou a casa como herança para seu filho adotivo, Nereu Cecílio dos Santos, que a vendeu quando se mudou da cidade com a família. Em 1914, a casa pertencia ao Cônego Cândido Calazans Corrêa, que a doou para o funcionamento da primeira escola da cidade, o grupo escolar Doutor Lund. Posteriormente, a construção antiga foi demolida para construção do novo prédio que existe hoje. Em 1998, a escola passou a se chamar Escola Municipal Doutor Lund.



O prédio foi tombado pelo município em 5 de abril de 2001. De casa de cientista à Escola, esse Lugar de memória continua sendo um espaço de estudo, cultura e produção de conhecimento, desde os tempos em que era simplesmente a casa do doutor Peter Lund.

Lugares de memória contemplados pelo Museu Território Caminhos de Lund

Acervo 5



Igreja Nossa Senhora do Rosário

A capela Nossa Senhora do Rosário é um dos poucos registros do passado colonial de Lagoa Santa que sobreviveu à saga modernista que mudou o cenário urbano da cidade. Ela foi construída no século XIX e tem entalhado o ano de 1858 numa cruz de madeira original da capela.



Lund acompanhou sua construção e a registrou em um mapa da cidade que enviou ao seu amigo dinamarquês Reinhardt, sinalizando-a como “Igreja dos Negros”. Este lugar de memória que chegou até nós fazia parte dos caminhos de Lund.

A capela era assim conhecida por ter sido construída pela população negra composta por escravos e alforriados, em devoção a Nossa Senhora

do Rosário. O culto a essa santa católica já era popular em Portugal no século XV e, aos poucos, ganhou a identificação dos negros com sua devoção.

Algumas explicações têm sido dadas para essa simpatia. Dentre elas, está a identificação do rosário com a cultura religiosa africana, pois os fazia lembrar seus talismãs e contas que serviam como bálsamos protetores. Os negros escravizados foram forçadamente catequizados ao cristianismo e, a partir do século XVI, passaram a construir suas próprias igrejas para realizarem seus cultos separadamente.

Segundo a crença, Nossa Senhora do Rosário apareceu dentro da lagoa, mas se recusava a sair de suas águas. Mas quando ouviu os tambores negros, os acompanhou. Foi assim que nasceu a Capela do Rosário dos Pretos de Lagoa Santa, separada da matriz da Nossa Senhora da Saúde que era reservada aos brancos.

Lund não frequentava nenhuma das duas igrejas, já que era protestante. Mas convivia com os ritos e com as pessoas que participavam das duas comunidades religiosas.

A Capela foi construída pelos próprios escravizados e libertos nos horários fora do turno de trabalho, ou seja, no período noturno. A decoração original do teto registrava essa realidade com a representação de uma meia lua e de uma estrela de oito pontas, mas algumas peças de madeira foram se deteriorando, o teto foi trocado e a pintura original da lua e da estrela se perdeu.



Apesar de resistir ao tempo e às ações humanas, a capela sofreu descaracterizações e, em alguns momentos, quase sucumbiu. Foi o primeiro bem tombado por decreto municipal, em Lagoa Santa (Decreto nº 234, de abril de 2001), mas nas últimas décadas ficou interdita, com o telhado em risco de desabamento. Em 2022, a capela de Nossa Senhora do Rosário reabriu suas portas à comunidade, após uma ampla restauração.



A religiosidade da comunidade do Rosário está associada a um rico patrimônio cultural de Lagoa Santa: as Guardas do Congo e Moçambique, Candombe e outras tradições populares de origem africana. Essas manifestações sempre foram uma potente forma de resistência contra a dominação social, política, econômica e cultural dos brancos.

Desde o século XIX estão presentes na Festa de Nossa Senhora do Rosário no mês de outubro e na Festa do Divino nos meses de maio e

junho. Essa tradição cultural de Lagoa Santa em torno da Capela do Rosário é tão representativa que, em 1851, o naturalista alemão Hermann Burmeister, que visitava Peter Lund, a presenciou e assim registrou em seu diário:



“...iniciam-se em Lagoa Santa os grandes festejos de Nossa Senhora do Rosário. Durante essa festa, o escravo sai, por alguns dias, da situação de oprimido para sentir-se não somente livre, mas também um homem forte a influir nos destinos do mundo. Os escravos escolhem entre si um ‘rei’ e uma ‘rainha’, sempre escravos legítimos e não pretos livres, os quais

também participam da festa... Acompanhado por toda a sua corte o ‘rei’ desfila pela localidade em solene e alegre procissão, ao som de uma banda de música, com estandartes e cantores e dirige-se até a igreja onde recebe a benção do padre. O cortejo continua depois, terminando tudo num lauto banquete... A festa continua noite adentro com danças e novos desfiles à luz de archotes, prosseguindo os divertimentos até que os meios escasseiem e a fadiga e o sono vençam os participantes. Depois a vida entra novamente nos eixos: o ‘rei’ depõe a coroa, a ‘rainha’ tira o diadema, os ‘dignitários’ despem suas vistosas fardas e as jóias são restituídas aos cofres. Essa festa de pouco interesse para os brancos é de grande importância para os pretos... E os espectadores não faltam; brancos, mulatos e pretos ouvem durante dias o cantarolar monótono de centenas de vozes. A Festa de Nossa Senhora do Rosário é a maior do ano na vida do pobre escravo...”

Hoje, ao admirarmos a centenária capela restaurada e as tradições culturais vivas atreladas a ela, podemos imaginar como estiveram presentes nos caminhos de Lund. É que força esse povo teve para fazer chegar até nós a sua rica tradição.

Lugares de memória contemplados pelo Museu Território Caminhos de Lund

Acervo 6



CAALE

Lagoa Santa, que foi cenário de tantos estudos arqueológicos e paleontológicos ao longo de sua história, manteve seu pioneirismo criando o primeiro núcleo de arqueologia em nível municipal do país, o Centro de Arqueologia Annette Laming Ampere (CAALE). Dessa forma, deu sequência à tradição e vocação científica inauguradas por Peter Lund no século XIX.

Desde sua fundação, em 1983, o CAALE desenvolve ações de pesquisa de campo, reserva técnica, apoio institucional, exposições temporárias e permanentes, proteção e difusão dos registros da pré-história da região. À sua frente, durante todas essas décadas, esteve a arqueóloga

Rosângela Albano, dando continuidade e estabilidade ao trabalho desenvolvido.

Seu começo foi modesto, instalado em uma pequena sala no centro da cidade, mas já com ações importantes no campo do apoio à pesquisa arqueológica e difusão de conhecimentos. Em 2009, o CAALE ganhou seu espaço definitivo e, em 2015, suas instalações foram ampliadas e adequadas para se tornar uma referência estadual no armazenamento, preservação e manutenção de materiais arqueológicos.



O acervo da Reserva Técnica do CAALE serve de fonte de pesquisa para inúmeros cientistas, é bastante variado e cresce a cada nova escavação na região. É composto de aproximadamente 125 mil itens de materiais líticos, cerâmicos e orgânicos, originários, sobretudo, de escavações realizadas em Minas Gerais. Há, porém, materiais de outras regiões como Goiás, Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro.

O nome do espaço é uma homenagem merecida à arqueóloga francesa Annette Laming Amperaire que realizou importantes pesquisas na região. Ela externou o desejo de que fosse instalado um museu em Lagoa Santa, a fim de sensibilizar a população sobre seu rico patrimônio arqueológico, paleontológico e natural. Seu desejo foi realizado e se fortalece a cada ano no Centro de Arqueologia Annette Laming Amperaire.

As primeiras incursões de Annette no Brasil ocorreram em 1971, mas ganharam visibilidade quando se formou a Missão Franco-Brasileira patrocinada pela UNESCO, Ministério de Assuntos Estrangeiros da França e Museu Nacional. A Missão tinha o objetivo de aprofundar conhecimentos analisados por Peter Lund no século XIX, inventariar novos sítios arqueológicos e analisar pinturas rupestres, buscando compreender seus significados.



Annette e sua equipe exploraram dezenas de sítios arqueológicos na região de Lagoa Santa, entre 1973 e 1976, e, em 1975, realizaram sua maior descoberta: a ossada daquela que posteriormente seria batizada de Luzia, um dos esqueletos humanos mais antigos das Américas.



Annette não teve tempo de realizar grandes publicações sobre seu achado, pois faleceu em 1977. Assim como Luzia, teve sua vida interrompida por um trágico acidente. Possivelmente, a morte de Luzia tenha sido

provocada por uma queda ou ataque de animais. Já Annette faleceu devido a um vazamento de gás no banheiro de um hotel em Curitiba.

Mesmo falecendo tão precocemente, Annette tornou-se um marco na arqueologia brasileira. Além da descoberta de Luzia, que mudou o olhar científico para a pré-história americana, foi pioneira nas datações radiocarbônicas para sítios arqueológicos, nos estudos modernos dos sambaquis e das pinturas rupestres do país. Ela influenciou e marcou a formação das futuras gerações de arqueólogos brasileiros. Ainda hoje, seus achados permanecem suscitando estudos e novas teorias científicas.

Portanto, o CAALE dialoga com ramos da ciência praticados por Peter Lund; e traz no próprio nome a memória de uma mulher que veio para Lagoa Santa seguindo os caminhos de Lund. E, assim como ele, tornou-se um marco na história da ciência a partir das riquezas encontradas em Lagoa Santa e região.

Lugares de memória contemplados pelo Museu Território Caminhos de Lund

Acervo 7



Túmulo de Peter Lund

O túmulo de Peter Lund tem uma aparência simples, mas está carregado de memória e história. É um dos raros cemitérios de Minas Gerais tombados como patrimônio histórico e se transformou em um lugar de memória de Lagoa Santa.

A palavra cemitério vem do grego *Koimétêrion* que nos remete a uma ideia de “lugar de descanso”. Mesmo antes de sua morte, Lund frequentava esse espaço para descansar e ler debaixo do mesmo pequizeiro que hoje sombreia o seu túmulo.

Peter Lund era protestante, numa época em que apenas católicos poderiam ser enterrados no único cemitério de Lagoa Santa, vinculado à matriz de Nossa Senhora da Saúde. Quando já estava decidido a não retornar mais à Dinamarca, comprou um terreno nos arredores da cidade para ser o seu túmulo quando chegasse a hora. Esse lugar de memória, onde outros estrangeiros também foram sepultados, acabou se tornando um cemitério protestante particular.

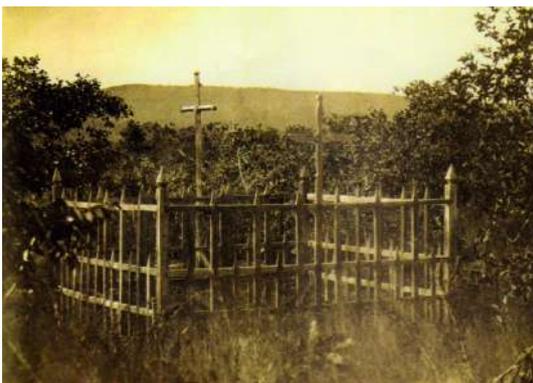
Lagoa Santa tinha uma característica atípica no século XIX. Apesar de ser um pequeno aglomerado de casas, sem os atrativos do ouro e da vida cultural de outras cidades, acolheu muitos estrangeiros que aqui viveram e morreram. Alguns deles trabalharam diretamente com Lund e, quando faleceram, foi dada autorização para serem sepultados em seu terreno.

Portanto, onde hoje chamamos de “Túmulo de Lund” também se encontram as sepulturas do norueguês Peter Andreas Brandt, do alemão Wilhelm Behrens e do suíço Johann Rudolph Muller. Todos eram antigos auxiliares do cientista, que faleceram antes dele.



Brandt foi o primeiro a ser sepultado nesse lugar de memória, em 1862. Desenhista e comerciante mal sucedido na Europa, veio para o Brasil e, em Curvelo, encontrou-se com Lund na fazenda Porteirinhas, pertencente a outro dinamarquês, Peter Claussen. A partir daí, viveu em Lagoa Santa atuando como auxiliar e desenhista das paisagens, cavernas e coleções de Peter Lund. É impossível dissociar o trabalho de Lund das ilustrações de Brandt. Certamente, foi doloroso para o cientista inaugurar seu cemitério particular enterrando seu amigo Andreas Brandt.

Behrens foi auxiliar de Lund, em 1866. Antes de viver em Lagoa Santa, morava em Santa Luzia e já mantinham relações de amizade. Porém, um desentendimento entre eles, provocado provavelmente pelo hábito de Behrens embriagar-se, o impediu de continuar trabalhando para Lund.



Em carta a seus irmãos, datada de 1875, Lund relata que “meu assistente à época, um alemão de nome Behrens (a propósito, um bom sujeito), está cada vez mais propenso à bebida, de maneira que, periodicamente, simplesmente não

pode trabalhar. [...] Essa inconveniência agora teve fim, porque mandei-lhe recolher as trouxas”. O ocorrido entre eles não destruiu a amizade que os unia, pois quando Behrens faleceu Lund permitiu que fosse sepultado ao lado de Brandt em seu cemitério particular.

Sabemos muito pouco sobre Muller; apenas que era amigo e colaborador de Lund. Provavelmente, foram próximos, pois quando faleceu, Muller também obteve autorização para ser sepultado no “Túmulo de Lund”.

Peter Lund queixou-se da saúde durante toda a vida. Ele tinha problemas respiratórios e havia perdido dois irmãos com tuberculose. Entretanto, teve uma longa existência, considerando-se a expectativa de vida da época. Morreu aos 78 anos, apesar de realizar atividades de exploração em cavernas por anos, que exigiam muito de sua resistência física.

Quando morreu, em 1880, deixou um testamento que definia heranças: desde a casa para seu filho adotivo, Nereu Cecílio dos Santos, até o pagamento de dívidas e doação de livros para outros cientistas. Deixou também expresso seu desejo de ser enterrado debaixo da sombra do pequizeiro deste terreno que, na época, ficava fora dos limites da cidade.



Mandou confeccionar uma cruz de madeira, em 1875, e deu algumas orientações para o dia do funeral. Segundo relatos de algumas bibliografias sobre Lund, ele teria recomendado ao coveiro, dias antes de sua morte, que sua cova fosse aberta. À autoridade local, que abrisse imediatamente seu testamento. E que houvesse festa na cidade, com distribuição de vinhos de sua adega e com a banda que ele criou, em 1842, a Banda Santa Cecília, tocando músicas alegres à frente do cortejo. Não se sabe até que ponto essas histórias fazem parte das lendas sobre Lund, mas lendas também compõem a memória.

Seus familiares da Dinamarca preocuparam-se com a manutenção de seu túmulo, após a morte de filho adotivo Nereu Cecílio. Mas souberam que um monumento, em sua homenagem, seria construído pelo Poder Público no local. Até então, no túmulo de Peter Lund havia apenas uma pequena lápide com a seguinte epígrafe: “Aqui jazem os preciosos restos mortaes, digo, restos do illustre e venerando sabio, de saudosa e immorredoura memoria, Pedro Guilherme Lund, nascido em 14 de junho de 1801 e falecido a 5 de maio de 1880”.

Em fevereiro de 1930, houve a remoção de seus ossos para outra urna e para o novo túmulo. A antiga lápide, um vidro vedado com alguns papéis, que foi encontrado junto ao seu corpo, e jornais da época foram novamente enterrados no novo túmulo, na presença de importantes personalidades do Estado.

Um monumento, encomendado pela Academia Mineira de letras, foi construído, em 1835, pelo artista Antônio Matos, em homenagem a Peter Lund e a seu auxiliar dinamarquês Eugen Warming, que viveu em Lagoa Santa entre 1863 e 1866 realizando estudos que inauguraram mundialmente a Ciência da Ecologia.



Outros monumentos foram inseridos no espaço, como as homenagens do Museu de História Natural da UFMG, do Centro Nacional de Arqueologia e a escultura Mensageiro da Luz ofertada por Jens Olesen. Em algumas datas, há cerimônias no cemitério, com presença de personalidades nacionais e internacionais e com apresentações da Banda Santa Cecília.

O túmulo de Peter Lund e seus colaboradores foi o primeiro bem tombado da cidade, através de um órgão federal, o IPHAN, em 9 de maio de 1960. Em 05 de abril de 2001, também obteve o tombamento municipal. Isso demonstra a importância histórica desse lugar de memória.

Várias culturas enterram seus mortos ou fazem monumentos com esse fim: pirâmides, urnas de barros, caixões, túmulos que se tornaram verdadeiras obras de arte. Independente da forma, os locais do sepultamento ganham um sentido sagrado e se tornam um lugar de memória.



Lund escolheu viver e morrer em Lagoa Santa e seus ossos continuam descansando sob o pequizeiro nesse significativo lugar de memória. Assim como os corpos dos estrangeiros Brandt, Behrens e Muller, que também deixaram suas marcas em nossa história. Aqui jaz Peter Lund, mas sua memória continua viva, ao som da banda de música Santa Cecília, embaixo do pequizeiro centenário.

Lugares de memória contemplados pelo Museu Território Caminhos de Lund

Acervo 8



Lagoa Central

Lagoa Santa nasceu neste lugar de memória... Nesta Prodigiousa Lagoa! Foram essas águas que atraíram milhares de pessoas ao antigo arraial de Lagoa Grande, fazendo surgir aquela que seria a atual cidade de Lagoa Santa. Peter Lund também se viu atraído pela

magia da lagoa e viveu por mais de 40 anos às suas margens.



A lagoa se formou há cerca de 6 mil anos e tem características diferenciadas de todas as outras lagoas de formato circular da região. É a única em formato triangular e que não tem contato direto

com terreno de calcário. Na bacia da Lagoa Santa a rocha de calcário encontra-se mais profunda no subsolo, abaixo de uma camada de filito, uma rocha metassedimentar originada a partir do metamorfismo (profunda modificação química e física) de uma rocha sedimentar argilosa.

Durante muitos anos acreditou-se que a Lagoa Central tivesse sido originada pela dissolução do calcário, como ocorre com as outras dolinas da região cárstica. Mas estudos demonstraram que a lagoa surgiu a partir do barramento de água resultante de um deslizamento de terra do Morro do Cruzeiro, que represou os córregos que abastecem a lagoa: o Francisco Pereira e o Bebedouro.

A lagoa teve uma formação e uma história surpreendentes nesses 6 mil anos de existência. Quando Felipe Rodrigues de Macedo chegou aqui, em 1733, a lagoa era límpida e rodeada de rica vegetação. Criou-se um engenho de aguardente e o primeiro povoado nas proximidades.

Mas foi a partir de 1749 que a realidade da lagoa foi transformada completamente. O padre de Sabará, Pedro Antônio de Miranda, e um médico

italiano, Antonio Cialli, começaram a divulgar casos extraordinários de cura pelas suas águas, começando pela do próprio Felipe Rodrigues.

O médico explicava as curas pela ciência e o padre pelo milagre. Cialli realizou estudos físicos e químicos na água e detectou que havia dois minerais que tinham grande efeito medicinal: o vitríolo e o ferro. Já o padre Miranda difundia a fé em Nossa Senhora da Saúde, que se manifestava através dos poderes sagrados das águas da lagoa. Ciência e fé juntas revelaram o poder da lagoa, que de Lagoa Grande passou a ser chamada de Lagoa Santa.

Milhares de pessoas vieram para o arraial em busca de cura, o que causou grande impacto poluidor à lagoa. O cirurgião Cardoso de Miranda descreveu em 1750 que era “a água da lagoa mais de cisterna, que nativa, pelas muitas águas e imundices que de fora recebia”.



Esse quadro provocou uma ação rápida do governo provincial a fim de evitar a contaminação da lagoa. Determinou-se que o povoado fosse construído acima do seu sangradouro e criou-se posturas municipais para a construção de ruas, residências e para o uso dos banhos na lagoa.

Portanto, a lagoa foi utilizada de diversas formas pela população e tem sofrido impactos humanos contínuos há séculos. Além da busca de curas medicinais ou sagradas, ela foi usada para pesca, usos domésticos, artesanato feito com o junco de suas margens, turismo, esporte, lazer.

Andreas Brandt, auxiliar e desenhista de Lund, construiu sob as palafitas da lagoa a sua “Casa d’Água”, uma construção em madeira em



estilo norueguês. No início de 1860, Lund frequentava muito essa casa de dois andares, sendo o primeiro um abrigo para o barco de Brandt chamado Galathea. E o segundo, um quarto de estar. Essa casa às margens da lagoa e os passeios de Galathea, sob suas águas, faziam parte dos caminhos de Lund.

Em alguns momentos as ações humanas foram mais impactantes, como nas décadas de 1950 e 1960, quando a cidade virou um balneário e atraiu um turismo elitizado. Várias casas de campo foram construídas e trampolins particulares de madeira instalados dentro da lagoa para esportes náuticos e nado. A urbanização, sem os cuidados necessários com os recursos naturais, provocou situações como o aumento da turbidez, poluição das águas e diminuição da diversidade biológica.

A situação se agravou nas décadas de 1970 e 1980, com a construção de uma praia artificial. Em 1969, foi elevado o nível do vertedouro da lagoa, onde ela dá vazão ao córrego do Bebedouro, o que subiu o nível de toda a lagoa, causando grande impacto ambiental. Toneladas de areia foram despejadas numa das margens para se criar uma grande atração turística: a praia de Lagoa Santa.

O empreendimento foi bem sucedido do ponto de vista



turístico, pois atraía centenas de pessoas nos fins de semana. Porém, no que se refere à saúde pública e ao meio ambiente, foi um desastre. Havia diariamente vários casos de afogamentos e disseminação de doenças. Nos anos 80, houve um grande surto de esquistossomose, conhecida como xistose, contaminando grande número de pessoas.

O impacto ao meio ambiente foi violento. Ao se subir o nível da lagoa, a vegetação natural de suas margens foi submersa e destruída e a migração de peixes jovens do córrego do Bebedouro para a lagoa foi interrompida. Para manter a praia, semanalmente vários caminhões de areia eram despejados na orla da lagoa, causando um intenso assoreamento. A fauna e a flora da lagoa foram impactadas pela poluição produzida pelo intenso turismo e pelos esportes náuticos sem regulamentação.

Com o crescimento da consciência e luta ambiental, na década de 1980, a praia de Lagoa Santa começou a ser questionada e desativada. Em 1983, interromperam a sua manutenção com a introdução semanal de toneladas de areia. Os esportes náuticos, banhos e os trampolins foram proibidos por anos e, em 1988, a praia acabou definitivamente, mas deixando marcas permanentes na lagoa.

Recentemente, algumas ações pontuais de desassoreamento e despoluição da lagoa foram implantadas, mas o cuidado com nosso maior lugar de memória e identidade precisa ser constante e intenso. A



lagoa voltou a ser utilizada para esporte, lazer e turismo, mas de forma regulamentada.

A cidade cresce e pulsa em torno da Prodigiosa Lagoa que a originou. E que permanece inspirando e dando vida a quem contempla suas águas, carregadas de beleza e sagrado.

Lugares de memória contemplados pelo Museu Território Caminhos de Lund

Acervo 9



Horto

O Horto é um espaço cheio de história na orla da lagoa central onde há uma concentração maior de árvores e, anteriormente, existia a Mata da Jangada. Atualmente, a vegetação que vemos não é remanescente desta mata, pois foi resultado de muitos replantios e intervenções urbanas ao longo dos anos.

Esse espaço tem uma importância histórica para Lagoa Santa que poucos conhecem. Foi nesse cenário tranquilo que ocorreu uma sangrenta batalha que fez Lagoa Santa ser citada em muitos livros de história do país. Foi durante a Revolução Liberal de 1842, uma guerra em que dois grupos de brasileiros se enfrentaram.

O imperador D. Pedro II tinha acabado de ocupar o trono, em 1840, com 14 anos de idade, e dois anos depois houve eleições na Câmara dos Deputados Imperiais. Os dois partidos políticos da época se

enfrentaram, o Liberal e o Conservador, e o primeiro venceu. No entanto, o imperador suspendeu as eleições diante de denúncias de fraudes, o que levou os liberais à guerra. Os liberais de São Paulo, liderados pelo padre Diogo Feijó, e os de Minas Gerais, liderados por Teófilo Otoni, uniram-se para reconduzir o Partido Liberal ao poder e deflagraram a Revolução.

Não havia grandes diferenças entre esses dois partidos. Um pensamento da época dizia “Nada mais conservador que um liberal no poder. Nada mais liberal que um conservador na oposição”. A diferença fundamental era que os conservadores defendiam a centralização do poder e a unidade territorial do Império e os liberais pregavam a descentralização do poder nas províncias e câmaras locais. D. Pedro II, durante seu longo governo, alternou o poder entre esses dois partidos. Mas, em 1842, eles se enfrentaram fisicamente, tendo como um dos palcos de guerra o Horto de Lagoa Santa.

A guerra já caminhava para o fim e para a vitória dos conservadores. Os liberais paulistas já tinham se rendido, mas na batalha de Lagoa Santa o desfecho foi outro. A batalha ocorreu nos dias 4 e 5 de agosto de 1842 quando as tropas conservadoras atacaram a cidade onde os liberais estavam entrincheirados. Há vários relatos que descrevem como a população de Lagoa Santa apoiou os liberais os escondendo em suas casas e até distribuindo armas e munição no meio do fogo cruzado. Havia “chuvas de balas” no Horto, nos quintais e nas ruas da cidade.

O protagonismo feminino foi reconhecido nesse momento histórico vivenciado pelos moradores do arraial e descrito em uma obra publicada em 1844, *História da Revolução Liberal de 1842*, de José Antônio Marinho:

“Merece especial menção o comportamento de uma senhora, cujo nome sinto ignorar (é ela tia de Adriano José de Moura), que nos momentos mais críticos, mostrou uma coragem superior não só a seu sexo, mas ainda a de muitos homens, aos quais animava e exortava para que acudissem ao fogo, distribuindo ela mesma a munição e fazendo-a conduzir para as diferentes trincheiras, apesar das balas que se cruzavam pelo pátio da casa, pelos telhados, paredes, e pelas ruas com um zunido aterrado.” (MARINHO, p 248)

Lund presenciou tudo isso, auxiliou com seus conhecimentos médicos, mas não se envolveu politicamente. Apenas comentou sobre a Revolução em suas cartas e enfatizou os riscos das estradas mineiras nesse momento.

A batalha principal aconteceu na Mata da Jangada (Horto) que, na época, era bem fechada e localizada nos arredores da cidade. Apesar da



desvantagem numérica, os liberais venceram e o comandante conservador, Coronel Pacheco, foi ferido em combate. Os conservadores



foram obrigados a se retirarem e essa batalha em Lagoa Santa foi escrita nos livros como uma das grandes vitórias liberais da Revolução de 1842. Porém, não foi capaz de mudar o rumo da guerra.

As tropas liberais estavam sem munições e sem apoio de outras colunas. Seu comandante decidiu, então, dispersar os soldados, mesmo após a vitória sobre os conservadores em Lagoa Santa. Poucos dias depois, em 20 de agosto, houve a batalha final da Revolução de 1842 com os conservadores derrotando os liberais no Capão de Santa Luzia.

Na obra de José Antônio Marinho há uma ilustração desse momento da Revolução Liberal, de 1842, com um desenho detalhado de Lagoa Santa. Nele vemos a frondosa Mata da Jangada (Horto) ao fundo como cenário e testemunha dessa história.

